

CONSIDERAÇÕES SOBRE CIDADES IMATERIAIS E ASPECTOS SACRO-PROFANOS NOS CORTEJOS DO MARACATU NAÇÃO

Sessão Temática (1) - Cidades Imateriais

Margarete de Souza Conrado

Professora Auxiliar efetiva da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus XII. Mestranda em Dança no Programa de Pós-Graduação em Dança / UFBA, integrante da Linha de Pesquisa Corpo Brincante: Estudos Contemporâneos das Danças Populares, vinculada ao Cnpq. E-mail: margarete@ufba.br

Rua Fernando Menezes de Góes, 249/202 Edf. M^a Quitéria - Pituba - Salvador - Bahia - CEP 41.810-700 - Fone (71) 33467365.

Eloisa Leite Domenici

Professora Adjunta efetiva da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica - PUC/SP. Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Dança / UFBA e Líder do Grupo de Pesquisa Corpo Brincante: Estudos Contemporâneos das Danças Populares, vinculado ao Cnpq. E-mail: domeniceloisa@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança da UFBA, Rua Ademar de Barros, S/N - Ondina - CEP 40210-730 - Salvador, BA - Brasil - Telefone: (71) 32836579 Fax: (71) 32836583

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTÉTICA BARROCA E ASPECTOS DO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO NOS CORTEJOS DO MARACATU NAÇÃO

RESUMO

A partir do estudo sobre os Maracatus Nação de Pernambuco percebemos nos seus aspectos sacro-profanos dessa manifestação cultural, características que parecem interagir com a estética de arquitetura barroca das cidades coloniais de Recife e Olinda. Ao estabelecer uma relação do espaço urbano dessas cidades com a formação dessa dança em forma de cortejo, delimitamos o estudo tomando como referência a participação da Igreja Católica na construção dos núcleos urbanos coloniais e suas relações com as celebrações festivas processionais. Apontamos os cortejos do Maracatu Nação para análise dessas relações. Portanto, propomos uma reflexão a cerca das conexões estabelecidas via espaço urbano percorrido nos cortejos do Maracatu, com o corpo que dança e aspectos sacro-profano que constitui uma das características da estética barroca. Os processos intercomunicacionais de vínculo sagrado-profano, com macro e micro sistemas presentes durante o percurso traçado nos cortejos do Maracatu Nação que percorrem praças, ruas, igrejas e casarões coloniais, servirão como parâmetros de análises do corpo com outras séries culturais, relacionando teorias recentes sobre corpo, mestiçagem, urbanismo e cognição. Para tanto, apresentamos

considerações com base na compreensão de corpo que dança e suas interconexões com o espaço urbano.

Palavras-chave: Cidades coloniais, Estética barroca, Maracatu Nação, Sagrado e Profano, Agentes- modeladores.

INTRODUÇÃO

Nos estudos urbanos do Brasil, verificamos que somente agora vem surgindo uma preocupação de investigar como os traçados das cidades coloniais foram definidos numa perspectiva de sistematização. Somente à partir da chegada das organizações religiosas da Companhia de Jesus, podemos visualizar alguns desses traçados de urbanização de cidades coloniais.

Com objetivo de investigar a influência da Igreja Católica na instituição de núcleos urbanos colônias e as repercussões dessa influência nos processos de organização e permanência de manifestações culturais advindas das imposições estabelecidas pela Igreja Católica, apresentamos como referência as celebrações processionais religiosas e profanas surgidas no período de colonização das cidades de Recife e Olinda.

Recife, cidade fundada em 1537, hoje capital do estado de Pernambuco, foi uma capitania que prosperou por conta do plantio da cana-de-açúcar e do pau-brasil e também pelo transporte dessas mercadorias da metrópole para a colônia e da colônia para a metrópole. A cultura local se deu a partir da convivência com diversas culturas dos povos indígenas, europeus (ibéricos franceses e holandeses), e africanos. Recife sofreu várias invasões, dentre elas a de maior repercussão foi a de holandeses que culminou mais tarde na organização do traçado da cidade, planejada com a vinda de pintores e arquitetos trazidos por Maurício de Nassau (**Ver Foto 1**).

A cidade de Olinda, fundada em 12 de Março de 1535, teve como sede um espaço no alto de uma colina, escolhido estrategicamente como proteção contra invasores de riquezas naturais. Cidade de beleza natural estonteante que convive num cenário diverso de vegetações centenárias e arquiteturas barroquinas de seus casarões, igrejas e ruas por onde transitavam e transitam ainda hoje os cortejos de celebrações religiosas e profanas (**Ver Foto 2**). Olinda, em 1982, foi declarada obra do *patrimônio histórico imaterial da humanidade* pela UNESCO, devido à importância de seu conjunto arquitetônico.

Ambas as cidades foram sede de portos marítimos e de capitanias. Nesse processo evolutivo dessas cidades coloniais, a Igreja Católica exerceu grande influência com a chegada, em meados de 1542, da Companhia de Jesus, os jesuítas. Foram construídas a

partir do século XVI, diversas igrejas, mosteiros, conventos e colégios de estilo colonial barroco, o que caracteriza o urbanismo medieval português.

O objetivo do estudo é compreender como a Igreja Católica, a partir da chegada da Companhia dos Jesuítas e de sua organização urbana colonial traçada nas cidades de Recife e Olinda, dialoga com aspectos simbólicos do sagrado e do profano, observados nas celebrações processionais de festas do catolicismo religioso, como a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Em específico, buscamos evidenciar esse aspecto do sacro-profano no Maracatu Nação de Pernambuco e suas relações com os espaços urbanos traçados pelas organizações religiosas presentes na arquitetura colonial barroca dessas cidades, percorrendo o passado do século XVII até as configurações de sua materialização no corpo que dança o presente.

Para tanto, serão considerados itens importantes dessa discussão o contexto histórico da Contra-Reforma, que fez com que a Igreja definisse normas de ocupação dos espaços tidos como sagrados e profanos. Um exemplo dessas normas é a instituição de igrejas diferentes para os brancos e para os negros.

Assim nasceram as Igrejas do Rosário dos Pretos em Recife (em 1662) e também em Olinda (em 1630). Tal separação, baseada na segregação pela cor da pele, criando espaços urbanos separados para pessoas de cores diferentes, evidencia o vínculo com uma visão dualista e eurocêntrica, que também visava separar sagrado e profano. Ao longo deste artigo buscamos argumentar que os cortejos de Maracatu Nação surgiram como estratégia de superação desse dualismo, num processo no qual a arquitetura barroca das Igrejas e ruas de Recife e Olinda contribuiu esteticamente para sustentar tal superação ideológica.

A IGREJA CATÓLICA COMO AGENTE MODELADOR DO ESPAÇO URBANO E DO CORPO

A colonização na América Latina se deu no período histórico compreendido entre os séculos XVI ao XIX, no qual várias transformações no âmbito social ocorreram, em virtude do Renascimento Europeu. Nesse período, em solo brasileiro as misturas provenientes da convivência entre seres humanos, imaginários e formas de vida, vindas de outros povos da América, Europa, África e Ásia, ressaltavam valores relacionados à

Antiguidade Clássica, enfatizando o antropocentrismo ao invés do teocentrismo medieval¹.

Diante disso, a Igreja Católica considerada potência medieval da época teve seu poder ideológico e material em risco, frente à burguesia em ascensão que a partir da expansão marítima, firma novos laços, de territórios do Novo Mundo, possibilitando avanços técnico-científicos no período do Renascimento. O capitalismo surge com a expansão colonial fortalecendo o absolutismo². Nesse período a Igreja Católica tenta catequizar os povos das colônias, estabelecendo regras rigorosas impostas pelo Concílio de Trento³ que instituiu novas regras de definição do que era sagrado e do que era profano na sociedade da América Latina (SOUZA, 2000).

Em decorrência, foram construídas no Brasil várias igrejas que modificavam a organização de celebrações de grupos comunitários já existentes, nas cidades de Recife e Olinda. As Igrejas Católicas implantadas no período da colonização apresentavam-se como propostas de instituição de um poder local. A partir de então, a institucionalização da Companhia de Jesus, ocupava uma função importante, com atividades para tentar estabelecer uma supremacia num espaço idealizado como signo de dominação (SOUZA, 2000).

A construção de templos religiosos, como igrejas, infiltradas nos centros urbanos foi idéia fortemente defendida por Inácio de Loyola em 1534. As edificações da Companhia de Jesus deviam ressaltar formas grandiosas e ao mesmo tempo serem utilitárias, segundo Loyola, sem muitas suntuosidades. As igrejas deveriam inspirar praticidade e visão ideológica, pois, as construções dessas igrejas cresciam consideravelmente nas cidades coloniais de Recife e Olinda, tomando conta do espaço numa dimensão que parecia simbolizar o poder material e simbólico dos templos religiosos.

As construções dessas igrejas em sua maioria ocupavam espaços localizados numa topografia de terreno que destacava elementos morfológicos de suas estruturas em continuidade com a paisagem, guardando proporções e espaços livres ao redor, como praças e ruas, configurando e definindo uma arquitetura de cidades monumentais como Recife e Olinda.

¹ Antropocentrismo diz respeito a visão do homem como centro do universo e o Teocentrismo a visão de Deus como centro do universo.

² Absolutismo entendido como sistema de poder instituído no período da monarquia.

³ Concílio de Trento, foi criado com o objetivo de estabelecer normas disciplinares para assegurar as doutrinas da Igreja Católica.

A necessidade de compreender a influência dos jesuítas na formação das cidades requer um entendimento da construção urbana como uma parte da morfologia do terreno, ou seja, a construção da paisagem urbanística humanizada deve ser vista como ação arquitetônica (SOUZA, 2000). Assim, a criação da paisagem faz parte de tudo que foi construído no terreno. Nesse sentido, podemos entender que os administradores do poder local, juntamente com arquitetos e pintores trazidos por Maurício de Nassau, ao escolherem pontos de destaque em colinas, como no caso de Olinda, pensaram estrategicamente numa forma de visualizar possíveis invasores de terra e riquezas naturais. Escolhas muitas delas, que trouxeram configurações paisagísticas privilegiadas pela confluência de elementos que caracterizam cidades coloniais de beleza ímpar, como no caso da cidade de Olinda, com vista direta do céu, do mar e das vegetações tropicais, dando origem a expressão de seu próprio nome, “Oh! Linda, visão para uma cidade”.

Dessa forma, podemos ressaltar que as instituições das Companhias de Jesus nas cidades de Recife e Olinda parece ter sido grandes agentes modeladores do espaço urbano. Nesse sentido, entendemos que a arquitetura traçada num determinado espaço, só pode ser compreendida como parte da cidade, como um acontecimento implícito num sistema complexo de relações intercomunicacionais entre *sistemas e sub-sistemas*,⁴ com o resto do espaço urbanizado.

Os aspectos de organização funcional de cada elemento dentro dessa rede de sistemas são todos aqueles que fazem conexão com as atividades do corpo mediante a utilização dos espaços, funcionando como agentes modeladores na formação e organização dos espaços urbanos e que definiram a paisagem urbanística ao longo dos séculos (SOUZA, 2000).

Durante a permanência das organizações religiosas nessas cidades houve de fato uma preocupação no traçado urbano, que durou até a expulsão dos jesuítas nessas capitânicas. Souza (2000) considera que a presença dos jesuítas na vida social desses habitantes, contribuiu para a consolidação da instituição religiosa, uma vez que esses jesuítas prestavam serviços de cuidados da fé espiritual e de assistência aos enfermos, ítems significativos no processo de modelagem de aspectos físicos e simbólicos dos corpos, das estruturas arquitetônicas e das celebrações processionais religiosas e profanas presentes nos eventos festivos da Igreja Católica. Nestas ocasiões, mesmo sendo as celebrações restritas aos donatários, o público miúdo, segundo Tinhorão (2000), formado por funcionários da administração pública e pela população em geral, incluindo

⁴ Pinheiro (2007) considera como sistemas e sub-sistemas sgnicos as relações entre séries culturais em processos combinatórios que vão do micro à macro sistemas em conexão com subsistemas culturais intermediários de mercados, ruas e igrejas, oralidade, arquitetura, espaço urbano, louçaria, etc

negros e índios convertidos, mesmo que sob pressão, tentavam participar numa organização festiva e dramática de consolidar a integração religiosa e social (**Ver Foto 3**).

CORTEJO DO MARACATU: AS FESTAS DA FÉ NOS CENTROS COLONIAIS

Com o fim do período colonial, no século XIX, fica também registro de duas tendências responsáveis pelo caráter oficial das grandes festas públicas no Brasil: as festividades de cunho competitivo envolvendo atividades de jogos e torneios de cavalarias e as festividades barrocas, marcadas pelos desfiles processionais dos símbolos do poder (TINHORÃO, 2000).

Segundo Tinhorão (2000), a mobilização do povo miúdo a partir de eventos de rua que relacionava o aspecto lúdico dos desfiles processionais presentes nas celebrações da Igreja Católica, se configurava também, como uma forma de manutenção e manipulação de interesses do poder instituído e o desejo de propiciar a diversão popular.

Diante disso, a estratégia religião-espetáculo continuava funcionando com sucesso, como no período do século XIV, onde as procissões criadas pela Igreja Católica, como a de Corpus Christi, ainda presente nos tempos de hoje, apresenta-se num jogo de convivência entre aspectos de religiosidade e ludicidade. Nesse processo evolutivo de urbanização gerado pela Revolução Industrial surge, revelando marcas desse passado histórico, novas formas de procissões voltadas para a diversão em festas características do ciclo natalino e do período carnavalesco, com desfiles de blocos, escolas de samba, dramatizações coletivas de enredo e a utilização de fantasias.

Aqui, destacamos os cortejos do Maracatu Nação (**Ver Foto 4**) como representação simbólica da Coroação de reis de Congo, festividade que fazia parte das celebrações de Reis no período natalino, e que passou a integrar as festas carnavalescas, como forma de permanência e sobrevivência desse sistema (BENJAMIM, 1989). Com a instituição da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, em Lisboa (1520), a qual não teve repercussão, foi constituída logo em seguida no Brasil, como Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a qual segundo Tinhorão (2000) era responsável pelas solenidades de Coroação de Rei do Congo. Nesse mesmo período são construídas as Igrejas do Rosário dos Pretos em Olinda e depois a de Recife (**Ver Foto 5**).

Souza (2002) faz referência a registros de edificações dessas igrejas nessas cidades e da coroação de reis como cortejos do Maracatu, com base em depoimentos de visitantes estrangeiros,

[...] ainda mais antiga que a festa mencionada pelos documentos da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Recife em 1674, foi aquela vista por Urbain Souchu de Rennefort em 1663 em Olinda. Nas palavras desse observador, os negros fizeram sua festa num domingo. Após irem à missa cerca de quatrocentos homens e mulheres, elegeram um rei e uma rainha e marcharam pelas ruas, cantando e dançando, recitando os versos que fizeram acompanhados de oboés, trombetas e tambores pascos Souza (2002, p 206).

Portanto, a Instituição do Rei do Congo era uma solenidade para homenagear reis não reconhecidos pelo poder instituído, era presidida pelo pároco da igreja, no dia de Nossa Senhora do Rosário. Este cortejo com cânticos e dança seguido por membros da realeza, constitui a dança do Maracatu Nação de Pernambuco. Os cânticos refletem um caráter misto de religiosidade e profanidade.

Ainda hoje os brincantes do Maracatu buscam, em seus cânticos e músicas, a memória da força de seus antepassados que para sobreviverem e se adaptarem às condições de convivência em grupo diante do contexto duro da conquista, de choque e violência, tiveram que se submeter a novas formas de convivência. Nesse sentido, Gruzinski (2001) reforça que, na América do século XVII, não se deve perder de vista essas marcas, uma vez que, tanto os negros como os índios tinham em suas próprias referências uma questão de sobrevivência, de vida ou morte.

Nessa convivência de sentimentos de angústia, medo e impotência frente a o poder instituído, o corpo buscava se alimentar das contribuições de outras culturas de outras culturas e também dos elementos constitutivos do espaço urbano, convergindo num complexo processo de exaltação de aspectos que buscavam a sua adaptação por meio da dança, das brincadeiras, dos batuques, entre outras formas de comunicação que expressavam seus ideais de liberação do regime forçado.

CÓDIGOS BARROCOS: OS DÍSPARES EM APROXIMAÇÕES NOS CORTEJOS DO MARACATU NAÇÃO

O período pós-renascimento é caracterizado pela propagação da fé em suas organizações religiosas e pelo surgimento do estilo Barroco, considerado “um marco de formação cultural do povo brasileiro” (RISÉRIO, 2001). Segundo Santos (2006) o Barroco se configura como forma excêntrica da modernidade ocidental, que tomou conta de espaços nos países ibéricos e nas colônias da América Latina. Os sistemas de poder colonialistas instituídos em toda a América Latina conferem uma relativa falta de

poder central que se camuflava em dramatizações de uma sociabilidade conformista (SANTOS 2006).

Dessa forma, o Barroco passa a se caracterizar como “um sistema aberto e inacabado que permite a autonomia e a criatividade das margens e das periferias. Graças à sua excentricidade e ao seu exagero, o centro reproduz-se como se fosse margem” (SANTOS, 2006, p. 205). Portanto, o dualismo impregnado na estrutura social desses centros urbanos coloniais barrocos criam à partir do poder instituído, pensamentos ambíguos juntando corpo e alma, sagrado e profano, dentro e fora, alto e baixo, rua e igreja, razão e emoção, dominante e dominado. Conflitos esses, que a partir da leitura de alguns códigos barrocos, conceituado por Santos (2000) como pós-dualísticos⁵, parecem se apresentar em formas diluídas, de escalas e tempos que se misturam num diálogo contínuo com estruturas do espaço e da sociedade.

O dualismo característico das culturas eurocêntricas parece estar em colapso em países latino-americanos de cidades coloniais marcadas em seu passado histórico pelas invasões, medo e crenças impostas pela Igreja Católica. Nesse processo de mistura de informações culturais, Santos (2006) considera que “*A mestiçagem é, em si mesma, politicamente ambivalente. Muitas vezes ao serviço de projectos de regulação e até de opressão, pode, no entanto, ser igualmente mobilizada para projectos emancipatórios*”.

Nessa perspectiva, destacamos as celebrações e ostentações das festas barrocas como estratégias implantadas pelo poder instituído para teatralizar a grandeza e o domínio sobre o povo, o que de maneira ambivalente, gerou a carnavalização das práticas sociais revelando um poder subversivo (SOUZA, 2006). Sendo o carnaval, período de ênfase dos desfiles do Maracatu nas cidades de Recife e Olinda, este constitui sem dúvida uma paródia do poder e do passado. Sendo assim, Garcia Leon Apud Souza, (2006), exemplifica a subversão das celebrações processionais barrocas,

Na frente seguiam os mais altos dignitários do vice-reinado com todas as suas insígnias - políticos, clérigos e militares -, no fim da procissão seguia a população, imitando os seus superiores em gestos e atavios, provocando desse modo o riso e a folia entre os espectadores (Leon, 1993). Esta inversão simétrica do princípio e do fim da procissão é uma metáfora cultural do mundo às avessas - el mundo aL revés - , típica da sociabilidade de Vera Cruz nessa época: mulatas vestidas de rainhas, escravos com trajes de seda, prostitutas fingindo ser mulheres honradas e mulheres honradas fingindo ser prostitutas, portugueses africanizados e espanhóis indianizados. (Garcia Leon apud Souza, 2006, p. 206).

⁵ Códigos barrocos pós-dualísticos são conceituados por Santos, (2006) como formações discursivas e performativas que funcionam através da intensificação e da mestiçagem.

Então, os cortejos de representação da Coroação de Reis nos Maracatus Nação, “além de terem esse caráter subversivo característico das festas barrocas, expressam também, a revolta de um passado sofrido, de trabalho escravo, morte e medo que se materializa em forma de liberação do corpo, formas, espaços e tempos, renovando as energias emancipatórias”(SANTOS, 2006, p).

Os aspectos do sagrado e do profano se apresentam como opostos em outras culturas, mas ao que parece, talvez no Brasil, possa ocorrer um entrecruzamento desses aspectos no corpo que dança o Maracatu Nação, dança-cortejo que percorre espaços ecléticos das cidades de Recife e Olinda. Assim, o corpo que dança, se apresenta como uma instância privilegiada de ocorrência desse fenômeno considerado como sistema vivo, evolutivo em todos os seus sentidos e significados. Prigogine Apud Santana (2007:156) acrescenta que,

O homem, seja ele o que for, é produto de processos físico-químicos extremamente complexos e, indissociavelmente, produto de uma história, a do seu próprio desenvolvimento, mas igualmente a de sua espécie, e de suas sociedades entre as outras sociedades naturais, animais e vegetais.

Nessa linha de pensamento, a relação corpo e cultura, e ou, natureza e cultura, nos esclarece que as informações processadas via ambiente-corpo são sistematicamente relacionadas, provocando fluxo contínuo direto que faz parte de todo processo de vida em evolução com o meio. Para esse tipo de entendimento, concordamos com Katz (2002), quando menciona que “*O corpo é uma mídia, um processo constante, permanente e transitório, de acomodamentos das trocas com o ambiente onde vive*”. Assim, as manifestações culturais advindas de nossas religiões e festas, co-evoluem no tempo e nos espaços, porque fazem parte de sistemas culturais dinâmicos.

Na evolução da arquitetura barroca, em suas esculturas, formas e contornos exuberantes e extravagantes, facilmente observáveis nas cidades coloniais de Recife e Olinda, podemos entender como uma subjetividade por excelência que se apresenta enquanto exercício de liberdade. Um exemplo clássico trazido por Santos (2006), desse extremismo barroco transfigurado em formas e sentidos, está presente na escultura do arquiteto e pintor barroco Bernini o “Êxtase de Santa Tereza”, a representação simbólica de uma santa em transe místico se transfigura na imagem de uma mulher experimentando um orgasmo. Uma representação clara da ambigüidade entre sagrado e profano.

Os cortejos do Maracatu Nação parecem provocar o entrecruzamento entre aspectos do sagrado e do profano num jogo de mobilização de diferenças tencionando as dicotomias entre igreja e rua, dentro e fora dela, cidade alta e baixa, estética arquitetônica côncava e

convexa. Mediante a isso, o historiador Antonio Risério (2004) enfoca o aspecto lúdico como um traço característico do pensamento barroco, presente também em várias de nossas manifestações populares brasileiras, o que podemos observar quando ele lembra Severo Sarduy fazendo distinção entre a arte clássica e os códigos barrocos, em seu livro sobre corpo,

a arte clássica está para o sexo com finalidade reprodutora, assim como o barroco está para o jogo do prazer. O barroco seria a arte erótica por excelência. Jogo, perda, desperdício, prazer: isto é, erotismo enquanto atividade que é sempre lúdica, que não é mais do que paródia da função da reprodução, uma transgressão do útil, do diálogo natural dos corpos. No erotismo, como na arte barroca é o avesso mesmo do discurso objetivo. Ao contrário deste, se compraz na demasia. No excesso. O barroco é a linguagem da abundância, do transbordamento, da prodigalidade. Daí a equação de Sarduy: barroco = jogo; arte clássica = trabalho. (RISÉRIO, 2004)

Uma característica importante da estética barroca já mencionada acima com o exemplo da escultura de Bernini, é a participação dos sentidos da fruição da obra, o êxtase dos sentidos, que significa o transbordamento utilizado enquanto ingrediente da experiência estética. Não é o transbordamento emocional característico do romantismo, mas uma profusão de imagens que apela aos sentidos e os faz vibrar em tom mais alto (RISÉRIO, 2004) que parece ocorrer também, na relação com a música característica do *baque virado*⁶ do Maracatu Nação.

Portanto, há em toda arte barroca declarada, a propensão para a forma que se abre em indeterminação de limites e imprecisão de contornos, uma forma que apela para os recursos da impressão sensorial, que não quer apenas conter a informação estética, mas, sobretudo comunicá-la sobre um grau de tensão que transporte o receptor, o espectador, da simples esfera de plenitude intelectual e contemplativa para uma estesia mais franca e envolvente, mais do que isso, para um êxtase dos sentidos sugestivamente acesos e livres⁷ (ÁVILA, 1971). Tal grau de tensão borra-se nas construções desses espaços urbanos coloniais de igrejas, casarões, ruas e praças, como um exemplo concreto da relação corpo-ambiente e memória, num elo de intercomunicação semiótica com a dança-cortejo no Carnaval pernambucano.

Pinheiro (2007) analisa que os processos civilizatórios no Brasil foram fundados a partir das relações materiais entre séries culturais concretas que constituem uma dinâmica entre sistemas e subsistemas de signos. Esses sistemas se integram numa relação de micro à macro sistemas, num jogo contínuo entre séries culturais, presentes na relação

⁶ Orquestra com três ou mais bombos, ou zabumbas, que fazem polirritmia. Não apresenta nenhum instrumento de sopro, apenas percussão. Nomenclatura dada também à configuração do cortejo do Maracatu.

⁷ ÁVILA, Afonso. **O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**. Editora Perspectiva, 1971.

corpo-ambiente que se apresenta em formas de oralidade, arquitetura, mobiliário, culinária, louçarias em conexões com sistemas intermediários de ruas e igrejas, mercados, pedrarias e arabescos.

Dessa forma, a arquitetura do conjunto jesuítico, traçada ao longo dos séculos nas cidades de Recife e Olinda se apresenta numa dimensão física que impunha aos grandes casarios de formato simples, um diálogo contínuo com outras estruturas que evidenciam curvas, dobras e redobras, presentes nas janelas das casas, igrejas e praças, como símbolos da vida urbana de um passado remoto, em consonância com o tempo de hoje. No “*bodyscape*”⁸ o corpo se encontra totalmente incorporado ao contexto espacial das cidades contemporâneas, que para Canavacci (2007, p.3), “As tensões performativas entre corpo e metrópole significam atrações recíprocas entre etnografias e coreografias. Libertar as diásporas antropológicas - não mais presas na reprodução do passado - pode despertar polifonias dissonantes e dançantes. Olhares oblíquos e díspares”.

É nesse diálogo ambivalente de paisagem urbana centenária dessas cidades de Recife e Olinda que o novo se faz presente também, a partir de processos de revitalização⁹ de alguns bairros, no sentido de manter as características da riqueza arquitetônica eclética de estilos barroco, gótico, clássico e neo-clássicos, como no caso do Recife Antigo (**Ver Foto 6**), considerado hoje, ponto turístico da cidade, por manter vivos aspectos da arquitetura colonial barroca, em sua estética. É neste espaço urbano metropolitano, que inclui a estética barroca, onde brincantes desfilam em suas diversas agremiações carnavalescas, dentre elas, os Maracatus Nação, num clima de estesia acesa que Ávila (1971) ressalta como um transbordamento sensorial de formas e imagens.

A presença de elementos naturais de paisagem centenária neste ambiente, valoriza elementos da estética barroca como estratégia urbana de aproximação e mobilização de diferenças, tencionando elementos fluidos, cores, formas, movimentos, seres humanos, imaginários, enfim, uma profusão de imagens, signos e significados, incluídos como forma abrazeirada de ser (PINHEIRO, 2007).

⁸ É o corpo como panorama que flutua entre os interstícios da metrópole comunicacional. Ao sufixo *-scape* acrescenta-se o prefixo *body* para sublinhar um conceito flutuante de corpo, que se expõe à observação alheia e própria enquanto um panorama denso de fetiches visuais. A elaboração temporária do próprio corpo em *bodyscape* é uma prática que o *performer* adota para deslizar entre os espaços intersticiais que a metrópole comunicacional constrói e dissolve em sua indisciplinada flutuação. É corpo espacializado. Persegue acelerações de códigos antes invisíveis, incorpora-os através de montagens sucessivas na própria configuração, constrói fisionomias temporárias: utilizáveis ao longo de itinerários corpóreos intersticiais (CANAVACCI, 2007)

⁹ Processo de restauração da arquitetura de algumas edificações feitas por arquitetos no Recife Antigo, iniciado em 1985, que a partir de estudos de prospecção das camadas das pinturas originais (cortes estratigráficos de camadas de tinta) foi observado que faltavam pigmentos na época das construções desses antigos casarões. Foi utilizado um contraste de cores vibrantes para ressaltar as formas ecléticas da arquitetura colonial do século XVII. Um projeto efetivado pela prefeitura municipal da cidade de Recife intitulado “Cores da Cidade”.

Considerando o Maracatu Nação de Pernambuco uma dança popular de cortejo que faz referência a um passado histórico de colonização, a brincadeira de romper com a ordem social durante os desfiles no Carnaval, incorporando e borrando as identidades dos *brincantes*¹⁰ com as identidades dos membros de uma corte real, e também, a uma religiosidade camuflada em símbolos que corporificam a relação com o sagrado, percorrendo ladeiras, ruas e igrejas das cidades coloniais de Recife e Olinda, se configura como uma dança do povo que Domenici (2004) considera como, “uma extensa rede de movimentos e metáforas produzidas pelo exercício coletivo de significação de uma brincadeira. Uma estratégia evolutiva que nasce do lúdico: um dos jogos de sobrevivência que constitui o sentido da vida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os signos despertam a dinâmica de estados do corpo que dança e configura-se em conexão e compreensão da dimensão viva do ser, que ocorre com aproximações de imagens e memórias. Assim, “a interconexão de todos os elementos do espaço semiótico não é metáfora, mas sim realidade” (LOTMAN, 1996:35). Dessa forma, Lotman, Lakoff e Johnson, são unânimes em entender as metáforas como pensamento e ação contínua que se processa nas redes de imagens, se relacionando num complexo processo de vinculação com os sistemas, inclusive o espaço urbano.

Então, não apenas os signos parecem estabelecer relações com o corpo que dança o sagrado e o profano, mas também, as misturas de estados da natureza em contato direto com o corpo dos brincantes e os espaços urbanos das cidades, que parecem fazer incorporar a mobilidade e a imprevisibilidade. A relação semiótica entre música, dança e espaços percorridos durante os cortejos do Maracatu Nação, parecem estabelecer uma relação de improvisação em tempo real, que se processa a partir do diálogo entre os brincantes, os acordes da orquestra de baque virado, além de elementos duros, maleáveis e fluidos do espaço urbano.

Dessa forma, a dinâmica corporal dos brincantes do Maracatu, na apresentação dos membros da corte real em suas especificidades de passos, e objetos simbólicos do cortejo como a calunga, o pálio, a coroa e a espada, pode se relacionar com as curvas e dobras do estilo Barroco, com a poesia dos cânticos do Maracatu que mencionam fragmentos de um período histórico, borrando identidades quando dialogam com as formas barrocas das igrejas e dos casarios coloniais de Recife e Olinda. O sagrado e o

¹⁰ Chamamos de brincantes os indivíduos que participam de danças ou “brincadeiras” populares, as quais têm caráter lúdico.

profano interagem sem distinção. Como afirma Pinheiro (2007), “*somos uma sociedade sacro-profana, o sagrado para nós é erotizado e o erotizado é sagrado*”.

Entrar numa igreja barroca parece propor uma relação de incorporação erotizante com o sagrado e o profano, de expressão da não exclusão, mobilizando diferenças e tencionando as dicotomias. O mesmo pode ocorrer na dinâmica dos cortejos que relaciona a igreja à rua e a rua à igreja. O estandarte segue na frente como se abrisse os espaços não só das ruas e ladeiras, mas os caminhos para a vida desses corpos que dançam. Sendo assim, “*Os sistemas lógicos evoluem e mudam, os sistemas de crenças religiosas são recriados paralelamente à evolução da materialidade e das relações humanas e é sob essas leis que a natureza vai se transformando*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Afonso. **O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**. Editora Perspectiva, 1971.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folguedos e Danças de Pernambuco**. 2. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989.

CANAVACCI, Massimo. **Tensões entre Corpo e MetrÓpole**. Palestra realizada na Faculdade de Arquitetura da UFBA, 2007. Disponível em <http://idanca.net/2007/06/06/tensões-entre-corpo-e-metropole/>. Acessado em: 08 jul 2007.

DOMENICI, Eloísa Leite. **A Experiência Corpórea como Fundamento da Comunicação**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e SemiÓtica) - Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo.

ELIADE, Micea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. Tradução de Rosa Freire de Aguiar - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KATZ, Helena. **Um, dois, três: A dança é o pensamento do corpo**. 1994. São Paulo: Tese (Doutorado em Comunicação e SemiÓtica). PUC-SP, São Paulo.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.

LOTMAN, Iuri. “Para la construccion de uma teoria de la interaccion de las culturas (el aspecto semiÓtico). Em **La Semiosfera 1**. Madri: Cátedra, 1996.

_____, “La semiótica de la cultura y el concepto de texto”. Em **La Semiosfera 1**. Madri: Cátedra, 1996.

PINHEIRO, Amálio. **Húmus**. 2 / (org). Sigrid Nora. - Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

RISÉRIO, Antônio. **Uma História da Cidade da Bahia**. Versal Editores, 2004.

SANTOS, Milton; SILVA, M. A. . **Natureza**. Salvador: CRA, 2007.

SARDUY, Severo. **O Barroco**. Lisboa: Vega.

SOUZA, Luciene Pessotti de. **Sagrado, estratégia e espaço**: o sagrado como estratégia da Companhia de Jesus na construção do espaço urbano da Vila de Nossa Senhora da Vitória. 2000. 188 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **As Festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ANEXO I – FOTOS



Foto 1 - Cidade de Recife



Foto 2 - Cidade de Olinda



Foto 3 - Celebrações Processionais Católicas[\[Author ID1: at Fri May 30 15:29:00 2008 \]](#)



Foto 4 - Maracatu Nação ou de Baque Virado



Foto 5 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda (1630)



Foto 6 - Bairro do Recife Antigo